

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
QUE DESAPARECEU

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

1

DESAPARECIDA

Sete minutos antes de o pano subir, a sua filha Paige teve um terrível ataque de soluços.

O pequeno elenco da peça da escola reunira-se à volta dela, o que só piorava as coisas. Paige não era do tipo que adorava ter público, sobretudo quando não estava à altura da tarefa. Escondera o rosto brilhante contra as calças de ganga de Miriam e recusava-se a deixar o conforto da perna da mãe.

– Lamento imenso – disse Miriam, olhando para a professora, a Sra. Langhorne. A mulher sorriu, fingindo compreensão e compaixão, mas os seus olhos brilhavam de impaciente irritação, como se fosse culpa de Miriam o facto de Paige estar com soluços. Ou de Paige, até. – Tentei tudo. Dei-lhe água, o outro professor, o senhor...

– Mowrey, sim – respondeu a Sra. Langhorne, lançando novo olhar preocupado ao relógio de pulso.

– Sim, tentou falar com ela, a ver se passava.

A Sra. Langhorne suspirou, batendo, impaciente, com o salto do sapato no arranhado soalho dos bastidores do teatro.

– Não é propriamente um espetáculo da Broadway, se é que me percebe – alegou Miriam num tom mais baixo. – Podemos atrasar-nos alguns minutos, se for preciso.

A mulher revirou os olhos, num gesto que tentou esconder sob as longas pestanas e com um rápido virar de cabeça.

– É o Universal Stage Theater – respondeu, como se estivesse prestes a engasgar-se com a própria indignação. – A escola deu-se a muito trabalho para conseguir este espaço a um sábado à noite, senhora Walsh. Mais nos vale agir em conformidade e começar a horas.

Miriam cerrou os lábios com força, acariciando suavemente os ruivos cabelos encaracolados da filha e contando os segundos entre soluços. Apeteceu-lhe dizer àquela mulher tudo o que lhe passava pela cabeça, mas não podia. Não, se queria que Paige continuasse a frequentar as aulas da exclusiva escola St. Moritz. Apesar da mensalidade exorbitante que cobravam, as listas de espera eram quilométricas, sendo as crianças inscritas logo que nasciam. Isso, claro, se os pais pudessem assumir o compromisso de pagar cinquenta mil dólares por ano.

Duas outras crianças, incluindo o rapazinho que fazia de Hansel, sussurraram qualquer coisa e riram-se, lançando olhares divertidos à sua filha. Paige choramingou contra a sua perna, o som quase inaudível interrompido por um sonoro *hic*.

– Deixe-me tentar uma coisa, se me permite – pediu, sussurrando, um homem vindo de um camarim. Estava vestido para o palco e usava máscara e macacão de lenhador com manchas falsas aplicadas com maquilhagem artística. Pelos buracos da máscara, os olhos pareciam de antracite.

Miriam olhou para o relógio e gemeu. Dois minutos para o subir do pano.

– Claro.

O homem pegou suavemente na mão de Paige e esperou até a menina olhar para ele.

– Queres livrar-te desses soluços a fim de podermos fazer a peça e ir para casa ver televisão? – continuava a sussurrar, mais ninguém além deles os três se apercebera da conversa.

Paige assentiu.

– *Hic*.

O homem ergueu as mãos e olhou para Miriam, como que a pedir de novo autorização.

– Os soluços são apenas espasmos no diafragma. Às vezes – disse, tocando na barriga de Paige, logo abaixo do esterno, com um dedo

habilmente colocado –, basta premir o botão certo. – Manteve o dedo pressionado contra o diafragma durante alguns segundos, dando em seguida um passo atrás. – Feito. – Tomou as mãos da menina nas suas. – Aposto contigo um dólar em como não voltas a ter soluços hoje. – Havia riso na voz sussurrada.

Paige pareceu desiludida. Talvez fosse a ideia do dólar que não ia ganhar, ou talvez tivesse medo do palco, tal como Miriam suspeitava, e estivesse à procura de uma desculpa para não atuar.

Agachando-se, Miriam ajeitou-lhe os longos caracóis acobreados e endireitou-lhe o fato. Herdara o cabelo e a tez de Miriam. Limpou-lhe uma mancha de purpurinas do nariz e depositou um beijo na sua face sardenta.

– Mãe – protestou Paige, lançando aos outros miúdos um olhar embaraçado.

Tão cedo. Tinha apenas oito anos.

A Sra. Langhorne bateu palmas ao típico estilo de jardim de infância, conduzindo as crianças aos seus lugares.

Correndo e tentando caminhar sobre a ponta dos pés de modo a reduzir ao mínimo o som dos saltos altos, Miriam mal chegou a tempo ao respetivo lugar, e o assento ao lado do seu continuava vazio. Consultou o telemóvel e viu uma mensagem do marido, Max, a pedir desculpa por um atraso relacionado com o trabalho que não podia ser evitado.

Do outro lado da coxia, outro lugar vago chamou-lhe a atenção. Também o pai de Paige, Darrel, ainda não chegara. Miriam conteve um suspiro amargo. Nessa noite, Paige aprenderia a atuar diante de uma grande plateia e a lidar com a desilusão.

O teatro era grande, equipado com confortáveis cadeiras de veludo e bastante espaço para as pernas. Miriam afundou-se no assento, suspirando, após o que lhe parecera um dia interminável. Trabalhara algumas horas nessa manhã, lidando com falta de pessoal na farmácia. Depois, correria para casa a fim de tratar do almoço e preparar Paige para a atuação. Tinham ensaiado as falas juntas a semana inteira, ao ponto de certa noite Miriam sonhar que ela própria era Gretel. Estava mais do que desejosa que a peça da escola acabasse, mas fora uma oportunidade maravilhosa para passar mais

tempo com a filha. Felizmente, a única coisa que tivera de fazer, depois do almoço e de uma rápida sesta de Paige, fora arranjar-lhe o cabelo, pintar-lhe as unhas com muitas purpurinas e ajustar-lhe de novo o fato, cosendo à última hora os fechos secretos necessários para manter a maldita coisa no sítio.

Paige estava linda como Gretel. Os longos cabelos puxados para a frente sobre os ombros, as sardas perfeitas, o avental branco engomado a brilhar sobre a saia de roda *bordeaux* com folhos, de sorriso radioso, confiante. Claro que isso fora em casa, na santidade do quarto. No majestoso teatro, tudo mudara. Primeiro, começara a tremer; depois, precisara de ir à casa de banho três vezes em vinte e cinco minutos. Finalmente, apareceram os soluços.

Mas, agora, tudo estava resolvido, e Miriam podia descansar por alguns minutos. Felizmente, a aparição de Paige em palco foi perfeita, as primeiras falas bem articuladas, numa voz forte, destemida. Quaisquer monstros que a atormentavam haviam desaparecido como se jamais tivessem existido.

A sua menina era um talento nato.

Murmurando as falas à medida que Paige as dizia, Miriam conteve as lágrimas. Algo lhe tocava o coração ao ver a sua menina ali, vulnerável e corajosa diante de todas aquelas pessoas, de braço dado com o rapaz que fazia de Hansel, saltitando e andando, divertida, em círculos sobre as pernas finas como se o mundo lhe pertencesse. Estava a crescer depressa... demasiado depressa. Não tardaria a partir, uma jovem mulher com vida própria, casa própria, filhos próprios.

Entre os aplausos entusiásticos dos pais ali reunidos, uma suave palmadinha no ombro chamou-lhe a atenção.

– Desculpe, minha senhora?

Miriam virou-se. Um homem inclinou-se para ela a fim de manter um tom baixo e, ainda assim, ser ouvido enquanto lhe falava.

– Sim?

– Tem um *Subaru* vermelho, com a matrícula, hum... – Leu a nota que tinha na mão. – GHR-G-doze?

Franziu o sobrolho. Nunca conseguia lembrar-se da matrícula, mas conduzira o seu *Subaru Forester* vermelho nessa noite.

– Sim, o que se passa?

O homem endireitou as costas, mas não por completo, ainda curvado, de mãos juntas.

– Lamento imenso, mas temo ter-lhe causado danos ao sair do estacionamento. – Olhou por cima do ombro. – O porteiro disse-me onde podia encontrá-la.

Miriam suspirou, fechando os olhos por um breve momento. Um minuto de paz, e tinha de ser interrompido por aquele desastrado que não sabia conduzir em condições nem que a sua vida dependesse disso. Filho da mãe. Tivera ao menos a decência de assumir o que fizera, em vez de desaparecer, deixando-a com uma amolgadela, ou fosse o que fosse, para resolver sozinha. Isso merecia algum respeito.

Lançou um olhar pesaroso a Paige, desejando não ter de ir lidar com aquele disparate do carro. Pelo menos a filha não estava a prestar-lhe atenção, absorta na peça, espalhando confetes como migalhas de pão tirados da bonita bolsinha castanha.

Miriam levantou-se e seguiu o homem, que caminhava cabisbaixo, como se pedisse perdão com cada fibra do corpo. Era raro ver alguém agir assim hoje em dia, quando as pessoas já não tinham valores morais.

Virou para a saída do teatro, mas o homem tocou-lhe suavemente no cotovelo.

– Siga-me; é mais rápido por aqui – disse, apontando para um corredor mal iluminado que conduzia à cafetaria fechada. Franzindo o sobrolho, Miriam tentou lembrar-se de onde estacionara. O parque estava cheio e Miriam deixara o carro numa das laterais, mas qual delas? Dividida entre querer voltar para o seu lugar e um instinto enervante, hesitou, mas cedeu. O homem, que vestia um casaco escuro apertado até ao queixo, parecia bondoso, humilde até, profundamente embaraçado por se ver naquela situação. Usava um boné que lhe ensombrava os olhos à luz ténue, mas Miriam percebeu que esboçava um sorriso apoloético, mostrando duas filas de dentes ligeiramente manchados pelo tabaco. Tinha a barba aparada e escura, sem um fio cinzento. Devia ser jovem, talvez mais do que ela até.

Ao aproximarem-se da porta, os passos a ecoar ruidosamente pelo corredor de mármore, o homem deixou-se ficar um pouco

para trás, como que a preparar-se para lhe segurar a porta e deixá-la sair primeiro.

– Depois de si, minha senhora – disse, num tom estranhamente entusiasmado.

Foi a última coisa de que se apercebeu antes de tudo ficar negro. A pergunta mal-amanhada sobre aquele tom de voz. Porquê o entusiasmo? O que estava ele...

Depois, a pancada na cabeça que lhe projetou estilhaços de luz para o crânio antes de a escuridão se apoderar da sua mente.

Quando recuperou os sentidos, Miriam estava deitada no chão do armário onde deviam guardar os produtos de limpeza do teatro, com os inconfundíveis cheiros a *Pine-Sol* e a lixívia. Às escuras, exceto por um ténue raio de luz que entrava por baixo da porta e que a ajudou a situar-se. Ignorando o latejar no crânio, pôs-se de pé e experimentou o puxador da porta, rezando em silêncio.

Abriu sem qualquer resistência.

Um pensamento atravessou-lhe a mente como um relâmpago, deixando-a sem fôlego. O coração batia-lhe rapidamente e com força contra a caixa torácica.

Paige.

Correu pelo corredor, vendo as coisas ligeiramente diferentes. A maioria das luzes estava apagada. Reinava um silêncio inquietante onde antes havia música vinda do palco, as vozes agudas de crianças e os aplausos do público. O único ritmo que ouvia era o palpitar frenético do coração e o som dos saltos altos a bater contra o mármore enquanto avançava em busca da sua menina.

Quando chegou à entrada do auditório, arquejou. As portas estavam escancaradas e tudo envolto em escuridão.

No palco onde a filha representara o papel de Gretel, diante de um público animado, restavam duas ténues luzes. O teatro estava deserto e inquietantemente silencioso; o único som que continuava a ouvir era o do coração.

– Paige – chamou em voz alta, e o eco reverberou pelo amplo espaço vazio.

Por um momento, pensou em procurar na zona dos bastidores, onde estivera com Paige pela última vez antes do início da peça,

mas não fazia sentido. Essas divisões estavam a uma mera cortina de distância e não vinha de lá nenhum som.

Correu para a entrada principal e empurrou a enorme porta de vidro. Após uma breve resistência, esta abriu-se, fazendo soar um alarme. Saiu e parou bruscamente ao cimo das escadas, estupefacta, com o sangue transformado em gelo. Anoitecera, uma escuridão densa e cheia da bruma do oceano, com os candeeiros de rua a projetar halos amarelos contra o céu como fantasmas.

O lugar onde deixara o carro estava vazio, tal como todo o parque de estacionamento. Era a única ali.

Paige desaparecera. Tinham levado a sua menina.